

Cuidados intensivos precisam de mais enfermeiros

Ordem alerta que não estão a ser respeitadas dotações seguras, numa altura em que se tem recorrido a enfermeiros de cuidados gerais

PAULA GOUVEIA
pgouveia@acorianooriental.pt

As equipas das Unidades de Cuidados Intensivos têm integrado enfermeiros de cuidados gerais para fazer face à necessidade de internamento de doentes Covid-19. Há falta de profissionais de enfermagem com competências na área dos Cuidados Intensivos e, por essa razão, tem sido essa a solução encontrada.

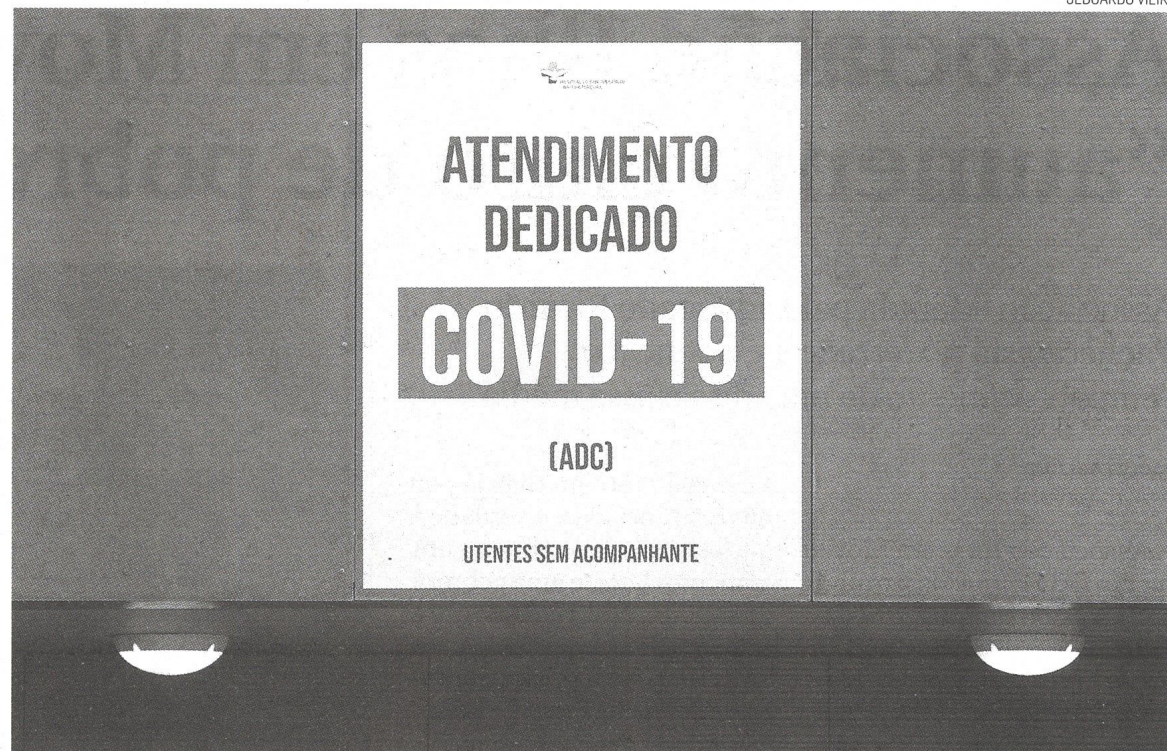
Pedro Soares, da Secção Regional dos Açores da Ordem dos Enfermeiros, admite que é uma situação que o preocupa, mas alerta que há um outro problema que tem de ser solu-

cionado de forma mais imediata: o reforço urgente destas equipas com dotações seguras de enfermeiros.

O representante da Ordem dos Enfermeiros nos Açores alerta para “a necessidade emergente de reforçar estas equipas, em termos de dotações seguras de número de enfermeiros”.

Pedro Soares explica que deve haver um enfermeiro para cada duas camas, mas, “neste momento, temos a informação que não tem sido feito assim, porque tem havido dificuldade em obter recursos humanos”.

O responsável insiste, con-



JEDGARDO VIEIRA

Com a criação de Cuidados Intensivos para Covid-19, foi preciso recorrer a enfermeiros de cuidados gerais

tudo, que “é fundamental que isso seja cumprido”, sustentando que há que “alocar enfermeiros de outros serviços que neste momento são menos precisos e reforçar as equipas dos intensivos”.

Além das equipas de Cuidados Intensivos não terem enfermeiros suficientes, “não existem equipas completas especializadas nesta área”, na sequência da criação das unidades de cuidados intensivos de Covid-19. “É

uma área que exige uma integração cuidada e competências muito específicas”, diz Pedro Soares. E, “temos a informação que, no hospital de Ponta Delgada, uma parte da equipa tem conhecimentos na área dos cuidados intensivos, mas os restantes são enfermeiros de cuidados gerais”, diz Pedro Soares, acrescentando que “também garantem qualidade, embora não seja a especialidade deles”.

“Nos últimos anos, para além

de não haver apoios para formação [na área dos Cuidados Intensivos], a própria constituição das equipas que é pequena não permite que os enfermeiros se ausentem dos serviços para formações”, nomeadamente através de estágios participativos. E, “como o comboio já vai em andamento”, não é possível resolver o problema de formação agora, mas pode haver um reforço das equipas, defende. ♦